

O SENHOR TERÁ COMPAIXÃO **Uma leitura de Isaías 55,1-11**

Maria Antônia Marques e Shigeyuki Nakanose

Desde criança trazemos conosco algumas imagens de Deus, que foram se modificando com o nosso crescimento e com as nossas experiências de vida. No cotidiano, nos vários acontecimentos, nas vivências tristes e alegres, vamos descobrindo novos rostos de Deus. Podemos olhar, por exemplo, para a vivência do povo judeu nos campos de concentração. Um período de sofrimento extremo. A dor foi tanta que o grito ficou entalado na garganta. Nessa situação absurda e de total desrespeito à humanidade, muitas pessoas descobriram um novo rosto de Deus.

Eis uma vivência concreta: *Um menino judeu, educado conforme os ensinamentos da religião judaica, quando jovem foi levado para o campo de concentração. No campo da morte, o rapaz viu sua mãe e sua irmã serem levadas para a câmara de gás. Nesse dia sua fé e seus sonhos foram reduzidos a nada. Tudo desmoronou. Tempos depois, uma criança foi enforcada diante dos prisioneiros. Segundo ele, “a criança tinha o rosto de um anjo de olhos tristes, estava calada, pálida e quase calma ao subir o patíbulo.”* *Atrás dele, um dos prisioneiros perguntou: “Onde está Deus? Onde está ele?”* *A criança levou quase uma hora para morrer. Os prisioneiros eram obrigados a olhar o seu rosto. O mesmo homem tornou a perguntar: “Onde está Deus agora?”* *O jovem, que tinha sido educado para acreditar em Deus todo-poderoso, ouviu uma voz dentro de si a dar a resposta: “Onde está ele? Ai está ele – ali, pendurado naquele patíbulo”¹.*

A experiência do jovem judeu nos ajuda a entender como a vivência amplia a compreensão de quem é Deus. A realidade de sofrimento e de violência extrema o leva a abandonar a imagem de um Deus que é forte e que pode tudo, para experimentar um Deus que está no seu meio, morrendo na criança à sua frente.

São as experiências que nos possibilitam dar novos nomes para Deus. Mas o nome ou a imagem de Deus não é o próprio Deus. São apenas representações. O sagrado está acima de nossa linguagem. Nomear Deus é uma forma de tornar a sua imagem mais concreta e mais próxima da nossa realidade.

Vamos dialogar com as comunidades que deram origem ao livro do Segundo Isaías (40-50), para poder saborear a experiência de um Deus amoroso e compassivo, encarnado no sofrimento e na dor das pessoas que estavam no exílio da Babilônia, entre os anos 586–538 aC.

1. Elie Wiesel foi levado para o campo de concentração de Auschwitz e depois Buchenwald. Ele recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1986. Karen ARMSTRONG, *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 375-376.

A situação do exílio foi muito difícil. O povo passou por uma crise profunda. As esperanças caíram por terra. O que sobrou: destruição e empobrecimento: “o povo foi despojado e saqueado; levado como despojo” (Is 42,22). E mais: Iahweh, o todo-poderoso, não o livrou do jugo do império opressor; ao contrário, a principal divindade da Babilônia, Marduc, representado pelo sol, havia garantido aos exércitos babilônicos a vitória. Essa realidade gerou uma crise aguda de fé e de identidade.

Nesse contexto nasceram os oráculos do Segundo Isaías e suas imagens de Deus. Esses oráculos tinham como principal objetivo levantar o ânimo e a auto-estima das pessoas exiladas. O motor que impulsionou e alimentou a esperança do povo foi a experiência de Deus vivida no passado de Israel, e a certeza de que ele continuava presente na sua história atual. Nem tudo estava perdido. Era preciso reavivar a memória da presença libertadora de Iahweh nos inícios da história do povo de Israel e assegurar a certeza de que ele faria o mesmo no presente (Is 43,16-21).

Mas, de onde veio essa voz profética? Provavelmente do grupo dos cantores do templo, sacerdotes levitas, exilados na segunda deportação (587 aC). Os levitas atuavam no templo desde o período de Josias (640-609 aC), que os trouxe à força para Jerusalém (2Rs 23,8-9). No templo, os levitas passaram a exercer funções secundárias. Na segunda deportação, muitos deles foram levados como escravos para a Babilônia e experimentaram a dura realidade de sofrimento e opressão, bem diferente da elite que foi levada na primeira deportação (597 aC). É desse grupo que surgiu o livro do Segundo Isaías.

Pisando no chão da Babilônia

O império da Babilônia estava rodeado por inimigos. Por isso, ele enfrentou constantes guerras. Além dos conflitos externos, existiam as dificuldades internas, especialmente quanto à questão religiosa. O rei Nabônides era adorador da divindade Sin, simbolizada pela lua, e tentou colocá-la como divindade oficial. Esta atitude provocou revolta e descontentamento entre os sacerdotes e os adoradores de Marduc, a divindade oficial, representada pelo sol.

As guerras e o conflito religioso enfraqueceram o império. Na Babilônia, a vida se tornou quase insustentável. A situação econômica era um caos. Os preços de todos os produtos subiram cerca de 50% entre os anos 560 e 550 aC. E nos anos seguintes, chegaram a 200% de aumento. O campo estava abandonado. A população pobre era a principal vítima dessa crise. A situação para quem era cidadão ou cidadã da Babilônia ficou ruim, porém muito pior para os povos dominados, que eram forçados a trabalhar como mão-de-obra semi-escrava na agricultura e em obras públicas.

Ao mesmo tempo, o império persa começou a despontar. Por volta de 550 aC, Ciro era a principal ameaça para a Babilônia. Os persas tinham como estratégia política repatriar os exilados, colocando nas regiões dominadas, quando possível, príncipes nativos para governá-las. Eles permitiam a liberdade religiosa, mas exigiam a submissão política e econômica. Assim, a possibilidade de voltar para a pátria de origem causou grande alvoroço entre os exilados, entre os quais está o grupo do Segundo Isaías.

A possibilidade de o império babilônico ser derrotado reacendeu as esperanças de muitos exilados e exiladas. Com o triunfo de Ciro, o tempo de exílio poderia chegar ao fim. Numa visão otimista da conjuntura política, esse grupo chegou a receber Ciro como um enviado de Iahweh: “Assim diz Iahweh a Ciro, o seu ungido, que ele tomou pela mão: Dobrarei as nações diante dele e desarmarei os reis; abrirei diante dele as portas, e os batentes não se fecharão” (Is 45,1). Ciro foi considerado justiceiro, pastor, ungido e águia (Is 41,2; 44,28; 45,1; 46,11).

As pessoas que receberam a mensagem desse grupo profético estavam cansadas, enfraquecidas e sem esperança (Is 40,29; 42,3). A maioria vivia em situação de escravidão, espoliação, saques e perseguições (Is 42,7.22; 47,6; 50,6). Havia gente pobre, necessitada de tudo, inclusive de água (Is 41,17; 49,13; 55,1-2). Era um grupo desprezado e rejeitado socialmente (Is 53,3).

Por isso, uma nota característica do Segundo Isaías é a esperança: o tempo do cativo estava chegando ao fim! Essa boa notícia devia ser comunicada a Jerusalém, a esposa do Senhor: “Falem ao coração de Jerusalém, gritem para ela que já se completou o tempo da sua escravidão, que o seu crime já foi perdoado, que ela já recebeu da mão de Iahweh o castigo em dobro por todos os seus pecados” (Is 40,2; cf. Is 54,5-6).

Para fortalecer a fé do povo judeu, o grupo do Segundo Isaías procurou resgatar a memória do êxodo, tendo como meta fazer o grupo acreditar que Iahweh novamente realizaria a libertação do seu povo do jugo da Babilônia. Voltar para Jerusalém representava um risco e um grande desafio. Por isso, era preciso acreditar e manter a memória da fidelidade de Deus, que jamais abandona o seu povo. “Eu sou o seu Deus” (Is 41,10.13; cf. Ex 20,2; Dt 5,6).

Na linguagem do grupo profético, o novo êxodo iria acontecer com a participação de todas as pessoas, e o próprio Iahweh é que iria garantir a libertação. Eles se apegaram à experiência do êxodo, na certeza de que Deus vê a opressão de seu povo e desce para libertá-lo das mãos dos opressores (Ex 3,7). Era o enviado de Iahweh que iria trazer a libertação às pessoas exiladas e o castigo para a Babilônia: “Os cânticos dos caldeus vão se mudar em gemidos” (Is 43,14b).

O grupo do Segundo Isaías organizou uma parte do povo judeu para voltar a Jerusalém. O primeiro passo foi reavivar a fé em Iahweh, um Deus todo-poderoso, mais do que a divindade da Babilônia, mas, ao mesmo tempo, próximo e presente no dia-a-dia do seu povo. Israel foi chamado de “meu servo”. Essa expressão representava relação e compromisso entre as duas partes: serviço da parte do servo e sustento e proteção da parte do Senhor. Vamos ler Isaías 55,1-11 e com esse grupo sonhar com a nova sociedade.

Vinde para as águas

“Ó todos que estais com sede, vinde para as águas, mesmo aquele que não tem dinheiro, venha!” (55,1) O que significa a expressão “vinde para as águas”? Seria água simplesmente? Há outros textos bíblicos que podem ampliar a nossa compreensão. No

livro de Jeremias, por exemplo, lemos: “Sim, duplo é o delito do meu povo: eles abandonaram a mim, fonte de água viva, para cavar cisternas, cisternas rachadas que não retêm água” (Jr 2,13; Jo 4). Nesse oráculo, a água pode representar uma metáfora para falar de Iahweh.

No texto de Isaías, voltar para Iahweh pode ter o sentido de retomar o projeto da partilha e da solidariedade. O texto acena para a gratuidade: “vinde e bebei – sem dinheiro e sem pagamento – vinho e leite” (Is 55,1). No Oriente, a água era vendida, e muitas pessoas não tinham condições de comprá-la. Neste sentido, nos textos do Segundo Isaías, é Iahweh quem dá água para seu povo. Eis alguns exemplos: “Os humilhados e os indigentes que buscam água, mas em vão, e cuja língua resseca de sede, eu, o Senhor, lhes responderei” (Is 41,17). “Eu providencio água em pleno deserto, rios na charneca, para dar de beber ao meu povo, meu eleito” (Is 43,20).

Há uma estreita relação entre água e bênção: “Eu derramarei águas sobre o sedento, torrentes sobre a dessecada; derramarei o meu espírito sobre a tua descendência, a minha bênção sobre os teus rebentos” (Is 44,3). A água é fundamental para a sobrevivência. A terra e as pessoas estão sedentas... A sede pode ser de água, mas também pode ser de outro tipo: “Ó Deus, o meu Deus és tu! Minh’alma tem sede de ti” (Sl 63,2; cf. 36,9).

Na Babilônia, muitas pessoas assimilaram o jeito de viver do dominador. Por isso, o grupo profético retoma a experiência de Iahweh que acompanhou e protegeu o seu povo no processo de libertação: “Não tiveram sede nos solos devastados para onde os levou. Do rochedo fez jorrar água para eles, sim, ele fendeu o rochedo e as águas fluíram” (Is 48,21). E, por fim, o Segundo Isaías garante a presença de Deus no novo êxodo: “Não passarão nem fome nem sede, jamais os abaterão nem o ardor da areia, nem o do sol; pois o que lhes tem ternura os conduzirá e junto aos mananciais os fará descansar” (Is 49,10). Em todos os textos a água representa fonte de vida. É bênção de Deus.

A proposta do Segundo Isaías é um sonho: comida e bebida para todas e todos. Porém, o projeto do império é para os que têm prata e podem comprar comida e bebida: “Nossa água, bebêmo-la a troco de dinheiro; nossos feixes de lenha vêm sob pagamento” (Lm 5,4). Voltar para Iahweh é retomar o projeto da gratuidade. Em Isaías 55,1-2 a palavra dinheiro – *keseq* – aparece três vezes, junto com as palavras comprar e gastar. A proposta do Segundo Isaías está na contramão do sistema. Ele insiste em afirmar que a vida é para todas as pessoas: “vinde e bebei”, “comei o que é bom” (Is 55,1-2).

A palavra hebraica *shema* ‘ aparece três vezes (55,2.3); o sentido original é ouvir, escutar, obedecer, e também inclui a noção de entender: “E agora, Israel, escuta as leis e os costumes que eu mesmo vou ensinar-vos a pôr em prática e assim vivereis” (Dt 4,1; 5,1; 6,3). As pessoas são convidadas a escutar a boa nova de “encontrar saciedade em manjares saborosos” (Is 55,2). Elas têm o direito de poder usufruir a melhor parte da comida: a gordura, que em geral era reservada para as divindades. É vida em abundância.

“Prestai ouvido, vinde a mim, escutai e haveis de viver” (55,3a). O convite é insistente. O grupo profético procura resgatar o projeto de solidariedade vivido na origem e na formação do povo de Israel. Conforme a fé desse grupo, Iahweh tem o poder

de garantir a vida. Ele é o Deus da aliança e renovará o pacto de fidelidade com todo o povo. Na reconstrução da nova sociedade, a aliança não será com o rei ou somente com algumas lideranças, mas com todo o povo. É um caminho comunitário e envolve o engajamento de todas as pessoas.

A renovação da aliança será com o servo, ou seja, com a comunidade que assume a prática da justiça e da gratuidade (Is 42,6; 49,8). O servo exercerá sua ação plenamente na paz e no cuidado amoroso com a vida ameaçada (Is 42,1-6). Ele não usará da violência e da força, mas “será uma testemunha entre os clãs, um chefe e uma autoridade para as populações” (Is 55,4). Notem bem: o texto fala de chefe, autoridade, e não de rei. Todo o conjunto vai apontando para uma nova liderança e uma nova proposta de organização da comunidade.

A mola propulsora desse projeto é Iahweh, o Santo de Israel. Esse título é atribuído muitas vezes a Deus no livro de Isaías. Deus é santo e chama o seu povo a ser santo (Lv 19,2). No Segundo Isaías, o Santo de Israel não está separado do seu povo, conforme a teologia oficial, mas é um Deus presente e próximo, inclusive é vivenciado como parente próximo: o *go'el* (Is 41,14; 43,14; 47,4; 48,17; 49,7). Ele é o criador e não admite a opressão (Is 41,15.20; 43,3.15; 45,11-13; 54,5), e tem o poder de devolver aos seus filhos e às suas filhas o esplendor (Is 55,5).

O novo êxodo acontecerá a partir da conversão: “Procurai o Senhor, já que ele se faz encontrar, chamai-o, pois ele está próximo” (Is 55,6). A teologia da volta para o Senhor é intensificada no exílio e está muito presente em alguns escritos proféticos, e em outros textos bíblicos (Os 10,12; Jr 10,21; 29,13-14; Dt 4,29; 2Cr 12,14; 14,3.6). O povo é chamado a voltar para o Senhor que manifestará a sua ternura e o seu perdão (Is 55,7).

Dizer que Deus tem compaixão expressa uma experiência de profunda intimidade. No hebraico, a palavra compaixão, *rahamîm*, vem da raiz *raham*, que significa ventre ou útero. No livro do Segundo Isaías, essa palavra é usada para expressar a escolha de Israel desde o seio materno (Is 46,3). Há também uma referência ao relacionamento entre mãe e filhas/os: “Por acaso uma mulher esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do fruto do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti” (Is 49,15). O amor de Deus está acima do amor humano.

“Iahweh é rico em perdão” (Is 55,7). O verbo hebraico *sallah* significa *pronto a perdoar* e só aparece uma vez em Isaías. Deus é o sujeito da ação. Ama com compaixão, está sempre disposto a perdoar e caminha junto com o seu povo para realizar o novo êxodo. O grupo profético acredita que a libertação acontecerá, pois a Palavra de Deus é eficaz. Em Is 50,10-11, a Palavra de Deus é comparada com a chuva que fecunda a terra e a faz germinar, produzindo frutos. Assim como a chuva garante às pessoas condições para ter o alimento, o mesmo acontecerá com a Palavra de Deus, que assegura o novo êxodo: “A minha palavra é irreversível, ela não volta para mim sem resultado, sem ter executado o que me agrada e coroado de êxito aquilo para que eu a enviara” (Is 45,23b; 55,11).

Na situação de sofrimento e de abandono, o povo judeu reaviva a experiência de Deus como gratuidade: ele é a água viva e garante a vida das pessoas. Ele ama o seu

povo de maneira incondicional, e esse amor é capaz de perdoar e devolver a vida. Além da imagem de um Deus compassivo e da gratuidade, vejamos outras experiências fortes de Deus que aparecem no livro do Segundo Isaías.

Resgatando a presença de Deus na caminhada

Na Babilônia, as pessoas exiladas foram assentadas em várias colônias, como: Cedar, Petra, Tel Abib, Tel Mela, Tel Harsa, Querub, Adon, Emer e outras (Is 42,11; Ez 3,15; Ne 7,61; Esd 2,59). Com a fé abalada, algumas pessoas abandonaram a Iahweh, afinal, se ele fosse poderoso, teria impedido a guerra e a deportação. Os questionamentos se multiplicavam na cabeça das pessoas: Será que Iahweh abandonou o seu povo? Será que o seu braço é curto e não pode nos salvar (Is 50,2)?

Os oráculos do Segundo Isaías tinham como ouvintes pessoas da segunda e da terceira geração. Muitas não conheciam mais os feitos de Iahweh. Por isso, o grupo do Segundo Isaías queria ajudar o povo a fazer memória da presença de Deus em seu meio. Esse grupo apresentou uma releitura de sua história, desde Abraão até o momento presente. No passado, Iahweh libertou o povo da escravidão do Egito. O mesmo poderia fazer no presente: libertar o povo da escravidão da Babilônia (Is 43,16-21). Era importante fortalecer a convicção no poder salvador de Iahweh.

1. Deus todo-poderoso

No Oriente, tanto naquela época como nos dias atuais, política e religião andavam de mãos dadas. A derrota de um povo significava a derrota do seu deus. Quando um império dominava o outro, ele impunha as suas divindades. A vitória da Babilônia foi atribuída ao deus Marduc sobre Iahweh. Conforme a mentalidade da época, Marduc, o grande deus do império caldeu, ajudou os exércitos de Nabucodonosor a vencer.

As divindades na Babilônia eram muitas. O culto à deusa Sin e à deusa-planeta Ishtar exerceram fortes influências sobre a vida de seus habitantes. Marduc havia conquistado o status de divindade principal por ter destruído o monstro marinho e ter criado o mundo. Outra característica marcante da religião Babilônia era o encantamento e a adivinhação. Os sonhos, o movimento dos astros e dos animais, de maneira especial dos pássaros, tinham sentido. Sábios e sacerdotes tinham a função de interpretar os presságios celestes e dar conselhos.

É dentro desse contexto que precisamos ler a imagem de Iahweh, o todo-poderoso. Vejamos: “O Senhor Iahweh chega com poder, e com o seu braço ele detém o governo. As nações são gotas num balde, e não valem mais que poeira num prato da balança. Diante de Iahweh as nações são como se não existissem; para ele não contam mais que o nada e o vazio. Com quem vocês poderão comparar Deus? Que figura podem arrumar para representá-lo?” (40,10.15.17-18; cf. 40,22-23; 46,5). Diante das situações de dominação era importante acreditar que só Iahweh tinha poder para salvar o seu povo. Eles reforçaram a convicção de que Iahweh era o todo-poderoso, o único criador.

– *Deus criador*

“Iahweh é o Deus eterno; foi ele quem criou os confins do mundo. Ele não se cansa, nem se fatiga, e sua inteligência é insondável” (40,28; cf.42,5). Ele criou todo o universo e todas as coisas existentes (45,12.18; 43,1.7.15; 45,7.8; 48,6-7; 54,16). O Segundo Isaías seguiu a mesma teologia do grupo que compôs o relato da criação (Gn 1,1-2,4a). Ambos apresentavam Deus como criador.

– *Deus do êxodo*

“Eu sou Iahweh: esse é o meu nome” (42,8). O nome Iahweh era portador de um projeto político de libertação: o Deus que vê a miséria do seu povo no Egito, ouve o seu clamor e desce para libertá-lo de seus opressores (Ex 3,7). Deus irá realizar um novo êxodo. A própria história de Israel era um testemunho da força de Iahweh. Todos podiam se alegrar: “Céus, gritem de alegria, porque Iahweh agiu; exultem, montanhas, junto com a floresta e todas as suas árvores, porque Iahweh redimiu Jacó e demonstrou o seu poder em Israel” (44,23).

Quando as pessoas estão em situação de crise profunda, a volta às origens ajuda a projetar luzes para o momento presente. Foi isso que o grupo do Segundo Isaías fez: retomou o êxodo. E deu certo! Essa experiência de Deus ajudou o povo a retornar para Israel.

– *O Santo de Israel, o Salvador*

Conforme o livro do Segundo Isaías, os outros deuses eram considerados pedaços de madeira ou de metal: “Vocês que escaparam das nações, reúnam-se, venham, cheguem mais perto, todos juntos. Esses que carregam suas imagens de madeira são ignorantes, dirigem suas preces a um deus que não é capaz de salvar” (45,20; cf. 41,21-24; 46,7). Viam que só Iahweh podia salvar o seu povo (cf. Is 43,11.12; 45,21). Salvar significa tirar da situação de opressão (49,25-26). Em Is 43,3 lemos: “Pois eu sou Iahweh seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador. Para pagar a sua liberdade, eu dei o Egito, a Etiópia e Sabá em troca de você”. O povo precisava voltar a acreditar em Deus salvador, aquele que iria libertá-lo da opressão da Babilônia, como havia feito no passado em relação ao Egito.

– *Primeiro e único (45,18)*

“Assim diz Iahweh, o rei de Israel, seu redentor, Iahweh dos exércitos: Eu sou o primeiro, eu sou o último; fora de mim não existe outro Deus” (Is 44,6). A condição para se salvar era voltar-se para Iahweh: “Voltem-se para mim e vocês serão salvos, ó extremidades todas da terra, pois eu sou Deus e não existe outro” (45,22; cf. 44,8; 45,5.6.18.21;46,9). Eles reforçaram a idéia de que o único Deus capaz de salvar era Iahweh, os outros eram apenas ídolos, fabricados por mãos humanas (cf. 45,14-18).

Como podemos constatar, há muitos textos que reforçam a compreensão de Deus como o todo-poderoso, o único criador, o santo de Israel, o salvador, o primeiro e

o único. Essa lembrança tinha como meta provocar a fé e a adesão do povo judeu e, no contexto de pluralidade de divindades na Babilônia, reafirmar que Iahweh é o único. Mas a profecia do Segundo Isaías apresenta outras imagens de Deus.

2. Deus da compaixão

No dia-a-dia, em meio à dura realidade de sofrimento e de luta pela sobrevivência, o povo experimentou a solidariedade, a compaixão e a misericórdia. Experimentou também um Deus compassivo, próximo e capaz de amar na gratuidade. Um Deus pai e mãe que abrigava o seu povo na sombra de sua mão (Is 51,16). Esse Deus tem vários traços. Eis alguns:

– *Perdão*: “Volte para Iahweh e ele terá compaixão; volte para o nosso Deus, pois ele perdoa com generosidade” (55,7; cf.43,25;44,22). Perdoar é devolver a vida para a irmã ou o irmão. O povo, revivendo a experiência de ser perdoado, reanima-se.

– *Solidariedade*: “Consolem, consolem o meu povo, diz o Deus de vocês” (40,1). “Eu, eu mesmo sou aquele que consola vocês” (51,12). Iahweh “dá ânimo ao cansado e recupera as forças do enfraquecido” (40,29;41,10). É presença constante na caminhada: “Não tenha medo, pois eu estou com você” (43,5).

– *Proximidade*: “Eu sou Iahweh, o Deus de Israel, que chama você pelo nome” (45,3; cf. 43,1.7;45,4). “Eu estava no ventre materno, e Iahweh me chamou; eu ainda estava nas entranhas de minha mãe, e ele pronunciou o meu nome” (49,1). O amor deixa marcas no corpo: “Eu tatuei você na palma da minha mão” (49,16).

– *Pastor*: “Como um pastor, ele cuida do rebanho, e com o seu braço o reúne; leva os cordeirinhos no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam” (40,11). “Não passarão fome nem sede; não serão molestados pelo calor nem pelo sol, pois aquele que se compadece deles os conduzirá e os guiará para onde há fontes de água” (49,10). O povo no exílio encontrava-se confuso, dividido, quebrado e humilhado, necessitado de proteção e segurança. É nesse contexto que a experiência de Deus como pastor foi criando raízes no meio do povo.

– *Oleiro*: “Assim diz Iahweh, que o fez, que o formou no ventre materno e o auxiliou: ‘Não tenha medo, meu servo Jacó, meu querido, meu escolhido’” (44,2; 49,5). A palavra hebraica usada para formar é *yatsar*, que significa modelar, dar forma a um objeto, e pode indicar a ação humana ou o ato criador de Deus. Por exemplo: “O ferreiro trabalha o ídolo com a fornalha e o modela com o martelo” (44,12; 54,17). O povo fez a experiência de um Deus oleiro, terno e carinhoso, que modela a pessoa ou um povo (43,1.7; 44,21.24; Gn 2,7), dá forma à luz e às trevas (45,7).

– *Redentor*: a palavra hebraica para redentor é *go 'el*. Iahweh tomará a defesa do seu povo. Conforme a tradição judaica, se um parente próximo for assassinado, o re-

dentor tem a função de vingar o sangue derramado (Nm 35,19-27). No caso de um parente próximo morrer sem deixar filho, o redentor se casa com a viúva, dando-lhe um descendente (Gn 38; Rt 3,12-4,14). O redentor deverá ainda pagar as dívidas de um parente próximo que cair na miséria ou na escravidão (Lv 25,23-28). O grupo do Segundo Isaías chama Iahweh de *go'el* (Is 41,14; 43,1.14; 44,6; 49,7; 55,5). Iahweh é considerado como um parente próximo. Mas podemos ir além. É mais do que um parente, pois os laços entre Iahweh e o seu povo não são jurídicos, mas fundamentados na gratuidade de Deus. Ele é o redentor que perdoad e ama em profundidade (44,22).

O relacionamento entre Deus e o seu povo é vivido na gratuidade: “Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, meu amigo” (Is 41,8). Ao longo da história de Israel, Iahweh continua sendo fiel à aliança com os descendentes de Abraão. Agora, o novo povo, como Abraão, é outra vez escolhido para ser servo de Iahweh: “Tu és o meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei” (Is 41,9). O grupo do Segundo Isaías está convocando o povo para renovar a aliança com Iahweh, o único que pode sustentá-lo e fortalecê-lo no exílio: “É ele que dá forças ao cansado, que prodigaliza vigor ao enfraquecido” (Is 40,29).

Deus caminha junto com o seu povo, não o abandona jamais. Essa certeza perpassa as páginas do livro do Segundo Isaías: “Mesmo que os montes se retirem e as colinas vacilem, meu amor nunca vai se afastar de você, minha aliança de paz não vacilará, diz Iahweh, que se compadece de você” (Is 54,10). É preciso ler, reler e deixar-se envolver pela presença amorosa e compassiva de Deus no meio do povo. É um Deus que vive entre as pessoas que sofrem, gemem, e são silenciadas, como aquela criança judia enforcada e pendurada no patíbulo: “Há muito que me calei, guardei silêncio e me contive. Como uma mulher que está de parto eu gemia, suspirava, respirando ofegante” (Is 42,14).

Bibliografia

- BRUEGGEMANN, Walter. *Isaiah 40-66*. Louisville, Kentucky: John Knox Press, 1998. 263p.
- CENTRO BÍBLICO VERBO. *Sonhar de novo*. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros. São Paulo: Paulus, 2004. 181p.
- CROATTO, J. Severino. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. v.2. 40-55. Petrópolis: Vozes, 1998. 317 p.
- GORGULHO, Maria Laura. O novo eixo nas decisões da vida: a novidade deuterossaiana. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n.42, p. 55-70, 1994.
- HANSON, Paul D. *Isaiah 40-66: Interpretation, A Bible Commentary for Teaching and Preaching*. Louisville, Kentucky: John Knox Press, 1995. 255p.
- RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1995. 516p.

- SCHRAMM, Brooks. *Opponents of Third Isaiah: Reconstructing the Cultic History of the Restoration*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995. 216p.
- SEITZ, Christopher R. *The Books of Isaiah 40-66*. In: Leander E. Keck (org). *The New Interpreter's Bible*. Volume VI. Abingdon, 2001. p. 309-552.
- SMITH, Daniel L. *The Religion of the Landless: The Social Sontext of The Babylonian Exile*. Bloomington: Meyer Stone Books, 1989. 250 p.
- KLEIN, Ralph W. *Israel no Exílio: uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulus, 1990. 175p.
- WATTS, John D. W. *Isaiah 34-66: Word Biblical Commentary*. In: David A. HUBBARD & Glenn W. BARKER (Ed.). v. 25. Waco, Texas: Word Books, 1987. 386p.